

COMPARATISMO E TRADUÇÃO: A EDIÇÃO FRANCESA DE *HOMENS E CARANGUEJOS (DES HOMMES ET DES CRABES)*

COMPARATISM AND TRANSLATION: THE FRENCH EDITION OF *HOMENS E CARANGUEJOS (DES HOMMES ET DES CRABES)*

Thiago Azevedo Sá de Oliveira (UFPA/CAPES)¹

RESUMO: O escritor, professor e médico Josué de Castro (1908-1973), na condição de exilado político, em Paris, assume a voz do sujeito excluído a fim de contar o "drama da fome". O romance *Homens e caranguejos* (1967), *a priori*, publicado com o título de *Des hommes et des crabes* (1966), evidencia a posição do intelectual maduro, cuja prosa romanesca transmite ao leitor reminiscências de seu local de origem, a cidade do Recife. O escritor pernambucano situa na narrativa de *Des hommes et des crabes*, com tradução de Christiane Privat, o lugar do outro, do homem simples, iletrado. A aproximação entre a tradução francesa e o "original" brasileiro possibilita discutir o processo tradutório, levando-se em conta as contribuições teóricas defendidas por Marie-Hélène Torres e Sandra Bermann, nos textos *Traduzir o Brasil literário: história e crítica* (2014), e *Literatura Comparada e Tradução: algumas observações* (2010).

PALAVRAS-CHAVE: Comparatismo. Josué de Castro. Recepção. Tradução.

ABSTRACT: The writer, professor and physician Josué de Castro (1908-1973), as a political exile in Paris, assumes the voice of the excluded subject in order to tell the "drama of hunger". The novel *Homens e caranguejos* (1967), *a priori*, published under the title *Des hommes et des crabes* (1966), reveals the position of the mature intellectual whose romanticized prose conveys to the reader reminiscences of his place of origin, the city of Recife. The writer from Pernambuco locates in the narrative of *Des hommes et des crabes*, with translation of Christiane Privat, the place of the other, of the simple, illiterate man. The approximation between the French translation and the Brazilian "original" makes it possible to discuss the translation process, taking into account the theoretical contributions defended by Marie-Hélène Torres and Sandra Bermann, in the texts *Traduzir o Brasil literário: história e crítica* (2014), and *Literatura Comparada e Tradução: algumas observações* (2010).

KEYWORDS: Comparatism. Josué de Castro. Reception. Translation.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: prof.thiagoazevedo@gmail.com

1. Das premissas

Voilà quelle a été ma Sorbonne: la boue des marais de Recife

(Josué de Castro)

A desenvoltura com a qual a tradução excede os limites da língua, estranhando o léxico e transformando o original discursivo na tradução de sua tradução, conduz o poeta Haroldo de Campos a posicionar durante a leitura do livro *Os Cantos do Paraíso* (1976), de Dante Alighieri, o papel “transcriador”² a que se submete a tradução da obra literária. A compreensão transcriadora de Campos acerca do efeito criativo da tradução motiva a presente proposta, ao passo que se propõe análise comparativa da edição francesa do romance *Homens e caranguejos* (1967), de Josué de Castro, com vistas à mediação franco-brasileira efetuada durante o processo tradutório.

Observando a mediação cultural Brasil-França, esta discussão investe-se do método comparativo, ao passo que compreende o processo da tradução francesa de *Homens e caranguejos* à luz de textos seminais escritos por Josué de Castro, a saber, a produção de oito contos, publicados no Brasil entre os anos de 1920 e de 1935³. Os fundamentos da Teoria da tradução (BENJAMIN, 2001; BERMAN, 2013; TORRES, 2014) e da hermenêutica literária (JAUSS, 1979), subsidiam a interpretação da lógica tradutória destinada à edição de *Des hommes et des crabes*.

No ensaio *Literatura comparada e tradução: algumas observações*, Sandra Bermann traça o perfil transformativo do processo tradutório mediante leitura que contempla a história da literatura e os estudos de tradução nos contextos pós-colonial, pós-estruturalista, pós-nacional, subnacional e internacional. Bermann (2010) evidencia a capacidade da tradução de prolongar a vida de textos literários, lançando o desafio de repensar a hipótese da tradução existir no século XXI como resultado do refinamento e da ampliação de nossas visões sobre leitura e crítica comparadas.

² Para assimilar a teoria da *transcrição*, ler CAMPOS, Haroldo. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

³ Em 30 de março de 1935, o então contista Josué de Castro publica “O ciclo do caranguejo”, no jornal *A Platéia*, de São Paulo.

Inicialmente publicada em Portugal, na França e na Espanha, a tradução francesa de *Des hommes et des crabes* completou no ano de 2016 cinquenta anos desde o seu lançamento, cuja circulação no mercado internacional se deu de forma associada à publicação das edições lusitana e espanhola de *O ciclo do caranguejo* e *Un niño entre hombres y cangrejos*, no ano de 1966. A narrativa de Castro esboça ficcionalmente a imagem subdesenvolvida do Recife, a partir de microcosmo lúdico cuja referência espacial apropria o imaginário telúrico e humano do homem do nordeste brasileiro. A paisagem de pobreza dos mangues recifenses domina a ação narrativa, cuja tensão conduz o enredo à exploração de temas comuns, caros ao cotidiano vivido por pescadores, lavadeiras, estivadores. Soma-se à cena ficcional, o aproveitamento intertextual e criativo da contação de histórias, dos repentes, e de cordéis, gêneros que remontam à tradição popular nordestina. A semelhante perspectiva de exilado assumida por Josué de Castro, o aproxima da caracterização conferida por Edward Said para um intelectual expatriado, isto é,

um naufrago que, de certo modo, aprende a viver com a terra, não nela; ou seja, não como Robinson Crusóé, cujo objetivo é colonizar sua pequena ilha, mas como Marco Polo, cujo sentido do maravilhoso nunca o abandona e que é um eterno viajante, um hóspede temporário, não um parasita, conquistador ou invasor (SAID, 2005, p. 67).

O lugar do intelectual em condição de exílio reforça a tessitura difusa da narrativa josueniana; especificamente, no que tange aos aspectos culturais englobados no trânsito mediado pela tradução. A edição francesa de *Des hommes et des crabes* (1966), com tradução de Christiane Privat, guarda a particularidade de apresentar ao público brasileiro o Josué-escritor, ante o já consagrado intelectual, Josué-médico. A ficção *Homens e caranguejos* (1967), veiculada durante o contexto histórico do Golpe Militar brasileiro de 1964 possui escassa circulação no território brasileiro por força do controle exercido pelos órgãos de repressão à atividade artística.

A edição francesa realiza, portanto, a retradução, uma vez que retoma as bases da edição lusitana de *O ciclo do caranguejo*, sendo esta, por vez, a “tradução” dos contos-matriz. Não obstante, torna-se crucial antecipar que a edição lusitana se constitui em tradução inaugural, ao passo que a edição francesa, por uma diferença de dois meses, vem a ser a tradução da tradução portuguesa.

Com base em pressupostos que sustentam uma teoria da hermenêutica literária, a interpretação tradutória da obra literária, como momento condicionado pelo texto, e a recepção do tradutor/leitor, como o momento condicionado pelo destinatário, concretiza como duplo horizonte “o interno, ligado ao literário, implicado pela obra, e o mundivivencial como o traduzido pelo leitor de uma determinada sociedade” (JAUSS, 1979, p. 51). Assim, a convergência entre a tradução e o comparatismo reflete os limites da traduzibilidade, em “graus de traduzibilidade” (SCHNAIDERMAN, 1996) que superam a discussão sobre a impossibilidade da tradução literal. O que se põe como argumento inequívoco admite a expansão de limites, mais uteis na tarefa de reconceituar “noções tradicionais e sublinhar a importância, para a reflexão comparatista atual de questões como apropriação, hibridismo, interpenetração cultural, cruzamentos discursivos” (CARVALHAL, 1999, p. 11).

Ressalta-se na tessitura lexical e semântica de *Des hommes et des crabes* o registro de cruzamentos e a interpenetração cultural de alguns dos vocábulos originários do sistema linguístico e literário brasileiros. São mostras os vocábulos “bumba-meu-boi”, “farofa”, “guaiamu”, “macaxeira”, “mocambo”, “seringueiros”, “sertão/sertanejo” e “xique-xique”. O diálogo entre dois sistemas literários: o brasileiro, do texto-fonte e o francês, da tradução, abre a possibilidade de se observar a variante oral, de expressão popular brasileira e, bem como, os deslocamentos linguísticos operados pela tradução francesa, a fim do texto dirigir-se a um outro sistema discursivo, com valores culturais diversos.

2. Do aquém e além mar

Se a língua é o “espaço” no qual se constrói o movimento de alteridade do homem no mundo, a leitura tradutória de *Des hommes et des crabes* situa a problemática da tradução literária à frente da compreensão de língua como meio de transmissão da experiência que lhe precede. É na alternância da própria língua, entre o português e o francês, que a tradução se realiza.

Ao período que se estende de 1939 a 1959, Teresa Dias Carneiro fornece no ensaio *A literatura brasileira traduzida na França: o caso de Macunaíma* (1996) indícios que justificam a inserção da obra de Josué de Castro no mercado-leitor francês. A estudiosa

menciona que as primeiras traduções de obras não-literárias estariam ligadas às áreas da Economia e das Ciências Sociais. Segundo Carneiro (1996, p. 287), o interesse pelos problemas sociais e econômicos do Terceiro Mundo, “que aumentará no período seguinte e nos anos negros da ditadura militar, é nascente neste período, exemplificado pelo início da publicação de títulos de Josué de Castro, como a *Geografia da Fome*, em 1946”

À tradução de *Des hommes et des crabes*, ulterior a *Sécheresse* (1964), de Graciliano Ramos e a *Diadorim* (1965), de João Guimarães Rosa, coube seguir o investimento da variante popular do nordeste, expressa pelas narrativas orais das personagens. A rememoração de estórias com apelo histórico e social valorizam na prosódia o tônus ético-estético da ficção de Josué de Castro. Marie-Hélène Catherine Torres pontua que as traduções francesas dos textos brasileiros foram iniciadas no final do século XVIII. No livro *Traduzir o Brasil literário: história e crítica* (2014), a pesquisadora, em sintonia com as pesquisas realizadas por Teresa Dias Carneiro, recorda que a primeira tradução de um texto literário brasileiro se deu na publicação do poema “Marília de Dirceu” (1792), de Tomás Antônio Gonzaga, em 1824. No total de 460 obras traduzidas, 152 títulos representam textos que não pertencem ao campo literário (33%) e, 308 configuram-se como publicações literárias (67%) (TORRES, 2014). A ficção josueniana oferece ao leitor estrangeiro o imaginário pelo qual a linguagem questiona a condição humana pela contação de histórias das personagens retirantes do sertão e catadores de caranguejo dos mangues do Recife.

Nas décadas de 1960 e de 1970, período da publicação de *Des hommes et des crabes*, o trânsito cultural Brasil-França diversifica-se. Não por acaso, reporta-se a Marie-Claude Roussel, tradutora de *Sécheresse* (1964) / *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos; Jean-Jacques Villard, tradutor de *Diadorim* (1965) / *Grande-sertão: veredas* (1959), de João Guimarães Rosa; e Alice Raillard, tradutora dos romances *Tereza Batista* (1974), *La boutique aux miracles* (1976), *Le vieux marin* (1978) e *Tieta d'Agreste, gardienne de chèvres ou le retour de la fille prodigue* (1979), de Jorge Amado.

Nos anos 60, os regimes totalitaristas latino-americanos deram conotação política à cooperação Brasil-França. Foi este o contexto de exceção que obrigou Josué de Castro, Jorge Amado e outros artistas, escritores e intelectuais a migrar. Torres (2014, p. 57) resume o

contexto, de modo a justificar “o que explica um exílio em massa de latino-americanos na França, entre 1966 e 1982”. Sobre a tradução do domínio não-literário, *a priori*, diz-se que

Continuam também, nesta época, as traduções de textos do domínio da Economia e das Ciências Sociais, com o grande número de traduções de três de nossos intelectuais mais conhecidos na França, Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso e Darcy Ribeiro, e de textos de orientação esquerdista e/ou teológica, de denúncia de abusos aos direitos humanos. Publicar no exterior era, para muitos, a única maneira de denunciar a violência e a tortura que grassava no Brasil (CARNEIRO, 1996, p. 296-7).

Somado ao veto da censura brasileira dos anos de chumbo da Ditadura militar de 1964, a produção científica de Josué de Castro⁴, traduzida em mais de 25 idiomas, coloca-se como refúgio intelectual dada a pouca visibilidade da obra literária josueniana. Em tempos de exceção, Castro reafirmou-se como humanista, e suas convicções políticas pesaram sob sua ficção, ainda hoje com limitada difusão entre o público-leitor. Berman (2001) empresta duas perspectivas conceituais para que se leia o processo tradutório de *Des hommes et des crabes*, distinguindo a tradução etnocêntrica da prática hipertextual. Sobre a adoção etnocêntrica, recomenda-se a tradução da obra estrangeira de modo que não se “sinta” a tradução; isto é, “deve-se traduzi-la de maneira a dar a impressão de que é isso que o autor teria escrito se ele tivesse escrito na língua para a qual se traduz” (BERMAN, 2013, p. 46). Na hipertextual, busca-se relacionar o que une um determinado texto a outro, estabelecendo pontes, que retomam a matéria da língua que lhe antecede.

A predominância da perspectiva hipertextual na tradução de *Des hommes et des crabes* traz à tona estranhamentos de ordem lexical, em oposição ao apagamento dos choques culturais, vigentes na proposta etnocêntrica de normatização do texto traduzido. Nota-se na apropriação efetuada por Christiane Privat o emprego diferencial dos léxicos “sertão/sertanejo”;

[...] Car les annales du marais n’enregistreront paás seulement le récit de la descente du *sertão* racontée par José-Luis. Une autre épopée, celle de Maneca du Crato, fait sensation. Certainement, on en parlera longtemps

⁴ Exilado em Paris, onde foi professor da Sorbonne, Josué de Castro foi forçado a deixar o Brasil em razão do Golpe militar de 1964, evento que o destituiria do exercício parlamentar de deputado e o impediria de retornar ao país até a data de seu sepultamento, em 1973.

encore [...] Ici, le *sertanejo*⁵ sent que seés auditeurs commencent à douter de ce qu’il raconte. L’incrédulité se lit sur les visages. Piqué au vif, il force le ton et le débit de sa voix [...] (CASTRO, 1966, p. 91-94).

Termo homônimo ao uso da grafia portuguesa, *sertão* é aproveitado na edição francesa para situar a origem da personagem de Zé Luís, conforme se atesta na construção dicionarizada da sintaxe francesa — do *sertão*, citada no fragmento anterior. Não obstante, em voga da predominância tradutória hipertextual, por meio do emprego lexical *sertanejo*, a tradutora opera a troca do francês formal — do *sertão*, pelo resgate sintático da língua-fonte, utilizando o adjetivo *sertanejo* a fim de identificar o sujeito próprio do sertão, ou que nele vive, pela apreensão cultural luso-brasileira.

A lógica tradutória de *Des hommes et des crabes* caracteriza a existência de choques culturais, evidenciados, de um lado, pela manutenção de léxicos do português como, “cangaceiro” (p. 131) e “jangadas” (p. 122-3, 142, 144-5), e, de outro, pelo acompanhamento de descrições aos vocábulos “bumba-meu-boi”, “maracatu” e “pastoril” (p. 111). Diante do risco do leitor francês equivocar-se na acepção dos termos que se referem a localismos populares do Brasil, a tradutora inclui legendas;

Au jour prévu pour la construction, le quartier était en émoi. Tous étaient aux aguets, impatients de voir la nuit tomber. On distribuait les rôles : les uns devaient travailler, les autres participer au spectacle destiné à détourner l’attention des autorités. Au crépuscule, dans tel ou tel secteur aussi éloigné que possible de l’endroit où l’on devait construire les nouvelles baraques, commençaient les préparatifs d’une grande soirée récréative : *pastoril* (danses populaires), *maracatu* (danse africaine) ou *bumba-meu-boi* (représentation folklorique). C’était presque toujours un *bumba-meu-boi* qui provoquait le plus d’enthousiasme, bien que le *maracatu* fût plus de vacarme et convînt mieux pour étouffer le bruit coquille des travaux (CASTRO, 1966, p. 111).

[...] Ao cair da noite, começava numa extremidade do Bairro, bem longe do ponto onde iam ser construídos novos barracos, os preparativos para uma grande noitada de diversão: pastoril, maracatu ou bumba-meu-boi. Era, quase sempre, bumba-meu-boi, o que mais entusiasmava a todos embora o maracatu fizesse mais barulho podendo abafar, esconder melhor o barulho das construções (CASTRO, 1967, p. 106).

⁵ Grifos em itálico, da tradução.

O aparente conflito que se repercute na seleção dos léxicos, bem como, o uso de notas explicativas aos vocábulos, *a priori*, desconhecidos do leitor francês, remete à discussão dos “graus de traduzibilidade” (SCHNAIDERMAN, 1996) em *Des hommes et des crabes*. A tradutora reconhece assimetrias culturais entre o original e a tradução. Na medida que processo tradutório procura valorizar a recepção da obra e agregar descrições que corroboram para a significação do “novo público”, Christiane Privat contribui para a criação de efeitos que o horizonte interpretativo do texto pode acumular (JAUSS, 1979).

A leitura integrada de *Des hommes et des crabes* ao texto de *Homens e caranguejos*, torna visível o argumento de Marie-Hélène Catherine Torres, para quem todo tradutor procede a uma apropriação do texto traduzido, de modo a oferecer condições para que o texto-fonte seja lido por outra cultura, numa outra língua (TORRES, 2014).

Christiane Privat acusa as marcas da impossibilidade de se traduzir o texto da língua-fonte; por vezes, recorrendo à repetição lexical de vocábulos de origem portuguesa, ou mesmo, indexando descrições ao lado dos termos que pressupõe de maior dificuldade ao público-leitor francês. Quer por distorção editorial ou, por equívoco da própria tradução, o grau de intraduzibilidade reverbera-se na grafia de palavras aparentemente desconhecidas pela tradutora. São exemplos dessa prática, a ortografia inadequada das palavras “chique-chique” (p. 77-9, 92) e “mucunha” (p, 92), em detrimento das formas “xique-xique”, com “x”, e “mucunã”.

A dimensão problemática da tradução literária de *Des hommes et des crabes* liga-se à experiência intercambiável da língua. No ensaio “A tarefa — renúncia do tradutor” (1971), Walter Benjamin (2001, p. 209) delinea que, constitui-se em elogio a uma tradução, sobretudo na época de seu aparecimento, não o fato de “poder ser lida como um original em sua língua”. O sentido de literalidade absorvido pela tradução francesa, por sua vez, expressa o grande anelo de complementação entre as línguas.

3. O “desvio” da tradução

O cronista francês Roger Bastide, no ensaio *O messianismo e a fome* (1958) alerta para a atmosfera “etnográfica, folclórica e mitológica” gerada pela abordagem da alimentação

na obra de Josué de Castro. Com base no *Adagiário da Alimentação*, de Veríssimo de Melo, Bastide (1958, p. 124) observa que a sociologia está associada à cultura e à língua, uma vez que “o folclore de nossas sociedades de classe nos permitiria mesmo, através de provérbios, discernir o primeiro tipo de luta de classes sob a forma da luta de “barrigas vazias” contra “barrigas cheias”. Como parte da frustração alimentar de grupos sociais heterogêneos (camponeses e mercadores), Bastide sustenta a criação mitológica a fim de assimilar o impasse;

Como notou o Dr. Josué de Castro no texto ao qual nos referimos anteriormente, que a fome não é o fator exclusivo do messianismo, mesmo quando ela é um fator; é necessário que outras condições influam e entre esses fatores considero como os mais importantes: a existência de uma mitologia apropriada (que tanto pode ser emprestada como nativa), ou ainda, a impossibilidade de encontrar uma solução política para a frustração, o que conduz obrigatoriamente às súplicas à divindade (BASTIDE, 1958, p. 127).

A noção da “mitologia apropriada” corresponde à forma sensível do *mito*, já que, na compreensão de Bastide, o fenômeno da fome, para ser entendido, necessita da ampliação do horizonte histórico em proveito da natureza mítica do messianismo, como elemento cultural inventivo. Tem-se, portanto, “uma narrativa e, por isso, a sua existência depende da materialização através da palavra falada ou escrita” (JABOUILLE, 1993, p. 17); da ficção que recompõe criativamente a realidade pelo modo difuso da linguagem.

O fragmento “Ce n’est pas à la Sorbonne ou dans quelque autre université que j’ai pris connaissance du phénomène de la faim: il s’est révélé de lui-même à mes yeux, dans les marais du Capibaribe et les quartiers les plus déshérités de Recife” (CASTRO, 1966, p. 10) dimensiona na narrativa de fome a paisagem humana, em seguida, reproduzida na tradução de *Des hommes et des crabes*. A pretexto de transpor ficcionalmente a cena dos mangues do Recife à Sorbonne (Paris), a tradução medeia o fluxo entre sistemas culturais e linguísticos distintos, a exemplo do português e do francês.

O trânsito entre os sistemas culturais, linguísticos e literários envolvidos na tradução de *Des hommes et des crabes*, implica rever algumas das estratégias tradutórias empregadas por Christiane Privat, em comparação à edição posterior de *Homens e caranguejos*. No volume francês, a troca do modelo oral brasileiro e a naturalização da língua e da cultura que lhes é fonte parece descaracterizar o projeto literário josueniano de expor a

fome pelos costumes do “falar nordestino”, com marcas singulares de apreensão da mitologia e do folclore, dos localismos orais das personagens catadoras de caranguejo, feirantes e violeiros.

No processo tradutório de *Des hommes et des crabes*, a prática hipertextual conduzida por Privat parece desviar-se de seu eixo inicial, se considerada a comparação entre os intertextos utilizados pelas edições francesa e brasileira. Na primeira, e seleção do poema “Morte na Lagoa Amarela”⁶, de Affonso Romano de Sant’Anna, adverte na ausência “problemática” dos regionalismos e neologismos a intenção da tradutora em suavizar a língua brasileira em detrimento da sintaxe da gramática francesa. Na direção Brasil-França, a aproximação do intertexto da edição francesa com o poema-cordel “O retirante”, de João Martins de Athayde, presente em *Homens e caranguejos*, denota em que medida a tradução e o texto-fonte espelham suas diferenças;

Triste vida de posseiro
junto à Lagoa Amarela.
Vinte anos sobre a terra
cavando o faltoso pão,
vinte anos de promessa
com a mesma enxada na mão,
quatorze filhos no mundo
fora os que estão no caixão.

Peguei na espingarda velha
como quem pega o enxadão
com a força que a fome dá
pra quem defende seu pão (CASTRO, 1966, p. 20)

É o diabo de luto
no ano que no sertão
se finda o mês de Janeiro
e ninguém ouve o trovão
o sertanejo não tira
o olho do matulão

E diz à mulher

⁶ A edição de *Des hommes et des crabes* (1966) apresenta grafia incorreta quanto ao título do poema. Consta como nota, o reparo de “Morte na Lagoa Amarela”, em substituição ao uso inadequado de “Norte na Lagoa Amarela”.

prepara o balaio
amanhã eu saio
se o bom Deus quizer
arrume o que houver
bote em um caixão
encoste o pilão
onde ele não caia
arremende a saia
bata o cabeção

Se meu padrim padre Cícero
quizer me favorecer
eu garanto que amanhã
quando o sol aparecer
nós já sabemos da terra
onde ache o que comer (CASTRO, 1967, p. 21).

No poema-cordel “O Retirante”, o contraste pelo qual se reconhece a agramaticalidade do léxico “quizer”, o regionalismo da forma “arremende” e a redução “Padrim”, resulta na pretensa inconformidade oral do sistema literário brasileiro ao antes, inquestionável modelo colonial europeu. Após a apática tradução francesa, *Homens e caranguejos* busca no uso do intertexto coloquial o ângulo de refração àquilo “que Casanova chama de “o meridiano de Greenwich” – dominado pelas instâncias literárias de Paris, Londres e Nova York – até a segunda metade do século XVIII” (TORRES, 2008, p. 35).

Decerto, com o aval do autor, Christiane Privat apresenta na escolha do poema “Morte na lagoa amarela”, a perspectiva moderada no tocante à verbalização informal das formas populares brasileiras. Neste aspecto, a tradutora repete a operação formal das traduções que “refletem, ao inverso dos projetos sobre a língua dos textos brasileiros, uma naturalização efetiva da língua e da cultura brasileiras nas quais a transgressão criativa da linguagem não penetra a rigidez da língua francesa” (TORRES, 2008, p. 35).

O uso do repertório popular de canções de viola, do pastoril e do bumba-meu-boi constrange o esforço conservador e etnocêntrico de uniformizar a fala popular em vantagem da língua culta. O período que sucede o intertexto da canção do bumba-meu-boi chama a atenção do leitor porque evidencia a feição regional da cultura popular do homem⁷ do

⁷ “A boca destes homens escorrendo o suco do capim e pronunciando monossílabos que lembram constantemente a sua fome, em constante procura de verdadeiros alimentos, constitui a base dessa tomada de consciência que se irá tornando mais profunda com as narrações das testemunhas das grandes secas, autênticos

nordeste brasileiro. O grifo de estranhamento cultural da festividade é sintetizado nas palavras do autor/prefaciador: “Avec son rythme angoissant, le *bumba-meu-boi*⁸ n’était rien d’autre qu’un cauchemar d’affamé: un bœuf qui ne cesse de grandir, mais dont la viande semble fondre à la seule approche des mains du berger” (CASTRO, 1966, p. 22).

A língua e a cultura do homem do nordeste brasileiro demarcam em *Des hommes et des crabes* a autonomia literária desta obra com relação ao modelo hegemônico com o qual dialoga na tradução. Para Torres (2008, p. 36), “os escritores desviam os usos literários, as regras de correção gramaticais e literárias nas suas línguas e afirmam a especificidade de uma língua ‘popular’”. Não por acaso, a tradução da ficção josueniana propõe distanciar-se do posto periférico que a literatura brasileira ocuparia durante séculos de dominação europeia.

Considerações finais

A investigação acerca da tradução de *Des hommes et des crabes* especula nuances compatíveis ao exercício da crítica contemporânea, interessada na recuperação da história de leitura da obra josueniana. Embora o percentual entre as publicações científicas e literárias de Josué de Castro destaquem maior prestígio ao conteúdo intelectual em detrimento da produção estética, tem-se, desde já, a confirmação de que esta bibliografia não apenas transita entre campos aparentemente distintos, mas possui sua própria tonalidade difusa e complexa.

Não fosse suficiente a compreensão de que o ato de traduzir empenha-se como estratégia de recriação, a teoria investida nesta proposta incubiu-se de evidenciar o papel subversivo da linguagem na criação de um sistema literário autônomo, em vista do questionamento da linguagem mediado pela narrativa da memória e da cultura popular nordestina. Reitera-se, portanto que, *Des hommes et des crabes* localiza-se em meio às traduções brasileiras em língua francesa de *Sécheresse* (1964), de Graciliano Ramos e,

heróis do seu romance. O universo musical da criança, formado pelas canções dos violeiros que cantavam a fome dos homens à sua maneira, tal como o *Bumba-meu-boi* que fala da magreza de um boi capaz de alimentar um homem” (TOBELEM, 1974, p. 34).

⁸ “Dans le *bumba-meu-boi*, il s’agissait d’un bœuf bizarre, à deux pattes seulement, le plus humain des bœufs, souffrant comme un homme, pleurant et se révoltant. Je me prenais de tendresse pour ce pauvre bœuf, si sec et si maigre qu’en réalité il n’était qu’une tête, et sa tête n’était que cornes, des cornes immenses se balançant en l’air – un vrai fantôme de bœuf. Le berger avait beau palper l’animal de partout, nulle part il ne trouvait de viande” (CASTRO, 1966, p. 20-1)

Diadorim (1965), de Guimarães Rosa. Não à toa, estes romances exploram a intraduzibilidade da oralidade como indicativo cultural de transgressão.

O acompanhamento metodológico da tradução corrobora ao estudo da recepção da obra literária josueniana, uma vez que amplia a circulação do romance e dilata o horizonte interpretativo de leitura a um público diversificado do contexto original. A marca dos 50 anos de publicação de *Des hommes et des crabes*, mais do que se alinhar do saudosismo cronológico, deve ser posta para oxigenar o debate em torno do romance, questionando seus elementos compositivos e estabelecendo elos de comparação e possíveis assimetrias.

Referências

ALIGUIERI, Dante. **Os contos do paraíso**. Trad. Haroldo de Campos. São Paulo: Fontana/Instituto Italiano de Cultura, 1976.

BASTIDE, Roger. O messianismo e a fome. Simpósio comemorativo organizado pela Secretaria geral da ASCOFAM. **O drama universal da fome**. Rio de Janeiro: ASCOFAM, 1958, p. 123-131.

BENJAMIN, Walter. A tarefa — renúncia do tradutor. HEIDERMANN, Werner (org.). **Clássicos da teoria da tradução**. Trad. Susana Kampff Lages. Tubarão: Copiart; Florianópolis: UFSC, Núcleo de tradução, 2001.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Trad. Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. 2. ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

BERMANN, Sandra. Literatura comparada e tradução: algumas observações. Trad. Neusa da Silva Matte. **II Forum Traduction et Traducteurs/Translation and Translators/Recherche Littéraire/Literary Research**. Virginia: George Mason University and ICLA, v. 26, n. 51-2, 2010, p. 15-20.

CAMPOS, Haroldo. **Metalinguagem e outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CARNEIRO, Teresa Dias. A literatura brasileira traduzida na França: o caso de *Macunaíma*. **Cadernos de Tradução** (UFSC), v. II, 1996, p. 287-330.

CARVALHAL, Tania Franco. (coord.). **Culturas, Contextos e Discursos – Limiares Críticos no Comparatismo**. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

CASTRO, Josué de. **Des hommes et des crabes**. Trad. Christiane Privat. Paris: Éditions Du Seuil, 1966.

_____. **O ciclo do caranguejo**. Trad. Mario Alves. Porto: Brasília Editora, 1966.

_____. **Un niño entre hombres y cangrejos**. Trad. Isabel Martino e Angel Ruiz Camps. Madrid: Ediciones Cid, 1966.

_____. A paisagem viva do Nordeste (contos e descrições). _____. **Documentário do Nordeste**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1959, p. 13-58.

_____. **Homens e caranguejos**. São Paulo: Brasiliense, 1967.

_____. **Geografia da Fome: a fome no Brasil**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1946.

JABOUILLE, Victor. **Do mythos ao mito**: uma introdução à problemática da mitologia. Lisboa, Edições Cosmos, 1993.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. COSTA LIMA, Luiz. (org.). **A literatura e o leitor, textos da estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 43-61.

MELO, Veríssimo de. **Adagiário da alimentação**. Natal: Edição da Diretoria de documentação e cultura da Prefeitura municipal de Natal, 1950.

MORAES, Marcelo Jacques de. Viver entre línguas: língua, lugar/tradução da experiência? ALENCAR, Ana Maria Amorim de; LEAL, Izabela; MEIRA, Caio (orgs.). **Tradução literária**: a vertigem do próximo. Beco do Azogue, 2011.

TOBELEM, Alain. **Josué de Castro e a descoberta da fome**. Rio de Janeiro: Leitura, 1974.

TORRES, Marie-Hélène C. Tradução da cultura: literatura brasileira traduzida em francês. **Literatura traduzida e literatura nacional**. COSTA, Walter Carlos; GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène C (org.). Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. **Traduzir o Brasil literário**: história e crítica. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2014.

SCHNAIDERMAN, Boris. Os limites da traduzibilidade. COSTA, Luiz Angélico da (org.). **Limites da traduzibilidade**. Salvador: EdUFBA, 1996, p. 23-28